

Narciso a procura de sua imagem no espelho: algumas reflexões sobre o narcisismo na atualidade

Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Porto Alegre*

A autora apresenta uma breve revisão dos postulados de Freud em À guisa de introdução ao narcisismo (1914), considerando o aspecto estruturante do narcisismo, bem como as consequências da nova proposição de uma libido narcísica e objetal e dos conceitos de ego ideal e ideal do ego que Freud apresenta à ocasião. Segue realizando reflexões sobre estes aspectos de 1914, acrescido dos conceitos posteriores de pulsão de vida e pulsão de morte, em relação a manifestações do narcisismo na cultura atual e suas consequências na constituição da subjetividade.

Palavras-chave: narcisismo, ideal do ego, subjetividade, cultura atual.

* Psicanalista, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Ao nascer, Narciso ainda não existe. Seu processo de constituição vai ocorrer no encontro deste indivíduo que nasce com o ambiente que o recebe. Neste contexto ele, em um primeiro momento, terá suas necessidades atendidas, para posteriormente buscar a satisfação de seus desejos ao mesmo tempo em que precisará adaptar-se às restrições impostas pela realidade. O homem é, entre todos os animais, aquele que mais depende dos programas culturais, dos mecanismos de controle que ordenam o seu comportamento. Através das experiências iniciais do bebê com sua mãe e as relações que adiante se estabelecem, as quais oferecerão um modelo de compreensão do mundo e das experiências, se instituirá o psiquismo, a criação do espaço mental e da rede de significados que permitirão viver as experiências que estimulam o pensar o mundo. É neste processo que nascerá Narciso.

Dentro desta perspectiva de compreender os caminhos do desenvolvimento do sujeito é que me debruço, sobre *À guisa de introdução ao narcisismo*, publicado por Freud em 1914, artigo que agora completa cem anos. Quando publica este artigo, Freud o faz junto com outros em que se dedica a estudar, com um olhar mais atento, os vários mecanismos que ocorrem na estruturação da mente humana. São os artigos chamados metapsicológicos, que, ao avançarem no pensamento psicanalítico da época, abrem caminho para desenvolvimentos posteriores: a segunda tópica e a segunda teoria das pulsões.

O caminho de Narciso em Freud

Neste artigo de 1914, Freud retira do narcisismo o cunho exclusivamente patológico e o inscreve como uma etapa do desenvolvimento. Se alguns anos antes, em seu trabalho sobre Leonardo da Vinci (Freud, 1910), correlaciona o narcisismo com a escolha homossexual de objeto, em 1914 Freud atribui a esse o caráter de complemento libidinal do egoísmo, que diz respeito às pulsões de autoconservação. Assim, neste momento, está lidando com as vicissitudes da libido, da quantidade de energia libidinal que será investida no eu ou derivada para os objetos. A partir deste trabalho, como refere Garcia-Roza, o narcisismo deixa de ser considerado como uma perversão e passa a constituir-se como uma “forma necessária de constituição da subjetividade” (Garcia-Roza, 1995, p. 42).

Ao mesmo tempo em que Freud aborda a constituição do eu, o faz propondo uma nova concepção sobre as pulsões. Se antes havia a divisão entre as pulsões sexuais e as de autoconservação, agora propõe a diferenciação entre libido objetal

e libido do eu. Assim, libidiniza as pulsões e refere que, em um primeiro momento, a satisfação das pulsões sexuais se apoia sobre as pulsões do eu, para só mais tarde, a partir da unificação do eu enquanto objeto de investimento, ocorrer a sua independência. Interessante movimento da teoria proposta por Freud, em que, ao apresentar um Narciso que se encanta diante de sua própria imagem, que investe nesta a sua libido, introduz também o outro, o objeto a ser investido pulsionalmente, a libido do objeto, referindo, assim, que neste movimento libidinal entre o eu e o outro vai-se constituindo o eu. Para que Narciso possa existir, é fundamental a presença do outro.

Freud propõe a existência do autoerotismo em um primeiro momento da vida do bebê, em que a satisfação da pulsão sexual se dará sem o investimento de um objeto externo. Assim, neste trabalho, considera o conceito de narcisismo a partir dos investimentos libidinais. Em um primeiro momento, as pulsões parciais, autoeróticas, se apresentam de forma anárquica, para só então, a partir da unificação do eu que ocorre nesta fase, este tornar-se o objeto de satisfação libidinal. Segundo Laplanche (1982), na medida em que Freud distingue um estado anárquico de satisfação das pulsões sexuais de um outro estado em que o eu é tomado como objeto de amor – o narcisismo –, faz coincidir “a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do ego” (Laplanche & Pontalis, 1982, p. 288).

Garcia-Roza sublinha a proposta de Freud de diferenciar o autoerotismo e o narcisismo em que refere que as pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, e que, para que se constitua o narcisismo, para dar-lhe forma, uma ação psíquica tem que ser acrescentada – o eu. Assim, considera esta uma “representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo” (Garcia-Roza, 1995, p. 48). Salienta, então, esta primeira unidade de representações, que não será definitiva, pois ao longo do tempo se há de renovar, será acrescida de novos traços. Seria este o narcisismo primário que, regido pelo princípio do prazer purificado, organiza, estrutura o eu.

Destaca-se, então, para o desenvolvimento do psiquismo e, assim, para o estabelecimento do sujeito, a importância deste momento inicial em que ocorre a unificação do eu. Acréscimos posteriores à teoria, advindos do próprio Freud e de outros autores, não de oferecer novos elementos para compreender este delicado processo. De qualquer maneira, este primeiro momento vai abrindo caminho para os desenvolvimentos posteriores de Freud, não só da segunda tópica, em que descreve a estrutura do aparelho psíquico, quanto na sua terceira teoria das pulsões, em que introduz os conceitos de pulsão de vida e de morte, o que rendeu avanços em diferentes direções na teoria psicanalítica.

Seguindo, pois, o caminho da unificação do eu proposto por Freud, é necessário que o bebê, pequeno Narciso, possa se ver no olhar da mãe, utilizando-se desse como um espelho antes de poder vê-la enquanto um objeto separado. Assim estabelece seus objetos subjetivos, narcisistas. Neste encontro entre a mãe e o bebê desenvolve-se o afeto de existência. Segundo Green:

Sentimento de coerência e de consistência, suporte do prazer de existir, que não existe por conta própria, deve ser infundido pelo objeto (o elemento feminino puro de Winnicott) e que se mostra capaz de tolerar a admissão do Outro e a separação (de) com o Outro: a capacidade de estar sozinho na presença de alguém assinala esta evolução favorável (Green, 1988, p. 62).

Segundo ainda André Green, é constante a busca da integridade narcisista, resultante deste processo de desenvolvimento do eu. Ocorre não só o retorno da pulsão sobre si mesmo, mas uma dessexualização da pulsão, que transforma a libido objetal em narcísica, promovida pela ansiedade de castração e com o objetivo de salvar a integridade narcisista. Assim, considera o autor: “A identidade não é um estado, é uma busca do eu que só pode receber sua resposta reflexiva através do objeto e da realidade que a refletem” (Green, 1988, p. 43).

A partir deste artigo de 1914, pode-se evidenciar não só o surgimento do eu, do Narciso que será objeto dos investimentos libidinais, mas também do objeto. Ambos se constituem neste precoce movimento da libido que retorna do objeto para o eu. É o narcisismo secundário que vai traçando o caminho desde o estado de prazer purificado para o reconhecimento da incompletude, da existência do outro. Podemos pensar, neste momento, na instalação concomitante no psiquismo, tanto do sujeito, quanto da cultura representada pelo objeto. Aspecto esse que Freud desenvolverá neste artigo, quando propõe a constituição do ideal do eu.

Seguindo os caminhos do narcisismo dentro do psiquismo do indivíduo, Freud propõe o eu ideal como este primeiro momento do narcisismo infantil. Originado a partir do narcisismo dos pais reproduzido em seus filhos, na medida em que atribuem a eles todas as perfeições e possibilidades que tiveram que abandonar em função das exigências da cultura, surge *his majesty, the baby*, colocando a criança no lugar de satisfazer os desejos que não puderam ser realizados por seus pais. Como refere Garcia-Roza, “Inicialmente, portanto, o eu ideal é efeito de um discurso apaixonado que abandona qualquer forma de consciência crítica para produzir uma imagem idealizada” (Garcia-Roza, 1995, p. 57).

Freud considera a formação deste ideal como condição para o recalque, uma vez que permite a medida de seu eu

O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo eu que é ideal e que, como o eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude (Freud, 1914, p. 112).

Segundo Green, é através desta idealização da criança por parte dos pais que o narcisismo sobrevive, criando um “circuito narcisista imperecível” (Green, 1988, p. 47). Entretanto, é necessário que ocorra um deslocamento da libido desde esse eu ideal em direção ao ideal do eu, e é neste caminho que Freud assinala a diferença entre a sublimação e a idealização. No primeiro mecanismo, Freud refere-se a um processo que dá conta da pulsão, permitindo uma saída para que essa seja satisfeita já considerando os elementos do princípio da realidade e assim não necessitando do recalque. Já no segundo mecanismo, ainda ancorado nos aspectos narcísicos deste eu ideal, a necessidade de satisfação imediata e sem restrições exige a ação do recalque. Na mesma linha, Garcia-Roza (1995) entende que é neste movimento da libido em direção a um ideal do eu que é imposto de fora que ocorre o deslocamento do imaginário para o simbólico. Há uma derivação do narcisismo infantil, do eu ideal, onipotente, em direção às exigências da lei. Neste sentido, considerando a diferenciação entre dois narcisismos, Garcia-Roza (1995) observa que, enquanto o primeiro refere-se à imagem corporal, constituindo-se no eu ideal, o segundo implica a relação com o outro, identificando-se com este e dando então lugar ao ideal do eu. Mais uma vez fica evidente a importância do objeto neste desenvolvimento, que, enquanto se constitui como separado do eu, permite a existência deste. Assim, mantido o eu ideal, poderíamos dizer que o narcisismo dos pais persiste encravado no psiquismo de seu filho, impedindo seu vir a ser. Para que o sujeito possa se constituir, é necessário romper com esta idealização, e assim abrir caminho para o novo, para o outro, para um ideal do eu a ser alcançado, com todas as necessárias renúncias e aceitação da realidade.

Diz Freud, então, que o distanciamento do narcisismo primário, através do investimento libidinal em um ideal do eu imposto de fora, é necessário para que ocorra o desenvolvimento do eu, obtendo-se a satisfação através da realização desse ideal. Esta passa a ser buscada através do ideal sexual, que se constitui no objeto investido da possibilidade de satisfazer aquele amor infantil idealizado. Assim, Freud considera que o ideal sexual auxilia o ideal do eu a encontrar satisfação e, no caso de obstáculos à satisfação narcísica, esse o assumirá enquanto

substituto. Assim, Freud descreve o modelo narcísico de escolha objetal, que é amar “aquilo que fomos e deixamos de ser ou aquilo que possui qualidades que nunca teremos” (Freud, 1914, p. 118).

Considerando isto, neste movimento que deriva do narcisismo, desenvolve-se o diálogo que permite o acesso ao cultural. Como resultado destes investimentos, ora no eu, ora no objeto, desenvolvem-se concomitantemente a subjetividade e a inscrição da cultura, do outro, no psiquismo.

Entendo que, em todo esse processo de desenvolvimento do eu e dos investimentos libidinais, o objeto real tem um papel fundamental, constituindo-se em um elemento interveniente na patologia em casos em que, na estrutura narcisista, há dificuldade em estabelecer um objeto de fantasia que possa ser investido libidinalmente. Green aproxima as estruturas narcisistas dos casos limites e refere que nestas situações ocorre uma decepção em relação aos pais, tornando o narcisista um indivíduo “carente do ponto de vista do narcisismo” (Green, 1988, p. 17), não lhe restando outro objeto para amar que não seja ele mesmo. Ainda segundo este autor, o desenvolvimento do eu e da libido somente poderá ocorrer na medida em que ocorra a possibilidade do eu de “reconhecer o objeto em si mesmo, e não mais como simples projeção do eu” (Green, 1988, p. 19).

Assim, podemos pensar na importância destes primeiros movimentos libidinais para que ocorra o processo de subjetivação. A capacidade de simbolizar, de estruturar um psiquismo capaz de dar conta das exigências da realidade, seja essa interna ou externa, se dá através do reconhecimento do outro, da renúncia a um funcionamento baseado no princípio do prazer e do processo primário, sendo para tanto fundamental o recalque e, como refere Luciane Falcão, “a possibilidade de instituição do que Freud denominou princípio de discernimento que implica a diferenciação eu/não eu” (Falcão, 2012, p. 288).

E Narciso hoje?

Atualmente, e já há algum tempo, quando a proposta é estudar as patologias da atualidade, fala-se nas patologias narcísicas, nos aspectos narcísicos de nossa cultura, à diferença da cultura da época em que Freud descreveu as neuroses, fruto dos aspectos repressores da sexualidade, que predominavam naquele momento. Penso que a compreensão desses aspectos do narcisismo na cultura atual não pode prescindir dos desenvolvimentos posteriores à publicação de 1914, especialmente no que diz respeito à introdução do conceito da pulsão de morte.

Segundo Freud, o processo civilizatório está a serviço de Eros, com o

objetivo de ligar libidinalmente os indivíduos em grupos, desde a família até a própria humanidade. Entretanto, coexiste com este objetivo libidinal aquele que se opõe à ligação, o da pulsão de morte. Diz ele:

Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana (Freud, 1930, p.126)

Dentre os vários autores que seguiram desenvolvendo as ideias de Freud a respeito dos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte e suas correlações com a patologia narcísica, entendo que o conceito de André Green referente ao narcisismo de vida e narcisismo de morte auxilia sobremaneira a compreender a presença destes elementos na cultura atual bem como na patologia narcísica. O autor refere que o narcisismo de vida seria sobreposto ao que Freud descreveu em 1914, ou seja, a busca da unidade do eu, que irá exercer uma função objetalizante, enquanto que o narcisismo de morte, a serviço de uma função desobjetalizante e sob o domínio da pulsão de morte, expressaria uma tendência a chegar ao zero de excitação (Green, 2010).

Green entende que, na proposta de Freud em relação à libido narcísica e à objetal, a primeira é mais antiga que a segunda, colocando então o narcisismo como o “núcleo mais medular das pulsões de vida” (Green, 2010, p. 58). Desta forma, para o autor, esse se constitui como o eixo que sustentará a construção do eu e, ainda, a única possibilidade de resistência contra as pulsões de morte. A partir destas ideias de Green, Luciane Falcão (2012) enfatiza a necessidade do investimento das pulsões de vida para a possibilidade da primeira unificação do eu, ainda antes da constituição do objeto. Um investimento inicial que favorece a intrincação pulsional necessária para que o psiquismo venha a se desenvolver.

Até então estamos diante do Narciso que, investido de pulsão de vida, encontra um equilíbrio com a pulsão de morte e assim estrutura seu psiquismo e se desenvolve de forma criativa. Considerando este desenvolvimento, sublinho que não deixamos de lidar constantemente com a pulsão de morte, que, intrincada, auxilia o nosso desenvolvimento. Aspectos esses que interferirão na base da estrutura narcísica de cada um. Assim, em um desenvolvimento normal, um quantum necessário de pulsão de morte irá se manifestar de forma a permitir a criatividade ao longo da vida. Como crescer, criar, pensar o novo, se não rompermos com o que está estabelecido? O constante movimento, com a tensão necessária de ambas as pulsões em nosso psiquismo, nos retira da inércia em que

ficaríamos aprisionados, caso contássemos apenas com um movimento sempre no sentido da integração. Isto está plástica e criativamente apresentado no filme *Pleasantville, a vida em preto e branco* de Gary Ross, em que os personagens principais do filme, inusitadamente, entram em um seriado de televisão onde não existem o sofrimento, as dificuldades da vida, a sexualidade, mas a vida é em preto e branco. Somente com a introdução de elementos disruptores ao longo da história é que a cor começa a aparecer e, conseqüentemente, a vida. Curiosa construção, pois faz pensar no que ocorre na atualidade, como se buscássemos esse ideal de vida sem sofrimento, sem dor, mas que nos direciona para o tédio, o vazio de uma vida sem cor e, portanto, sem crescimento. Um ideal narcísico que nos joga diretamente nos aspectos mais destrutivos da pulsão de morte, aqueles relativos ao desinvestimento.

Na cultura atual são várias as expressões da busca do homem para satisfazer seus ideais de onipotência e onisciência, através de mecanismos que lhe permitam dar vazão aos seus desejos e evitar as restrições que a realidade impõe. Os avanços tecnológicos têm-nos permitido a aproximação desses ideais, que há alguns anos pareciam imagens de ficção científica, como é mais uma vez expresso de forma criativa na maravilhosa descrição da sociedade do futuro realizada por Aldous Huxley em seu *Admirável mundo novo*, escrito em 1931. Neste, o autor consegue expressar com muita clareza os efeitos decorrentes de uma cultura que menospreza as relações de afeto, que busca o prazer através do desligamento das experiências emocionais, desligamento esse que pressupõe a eliminação da subjetividade. Poderíamos dizer o estímulo ao Narciso, autossuficiente e indiferente ao objeto, que impede, assim, o desenvolvimento do sujeito. Não é só o objeto que se perde, mas o próprio sujeito.

Ao passarmos da ficção à realidade, penso que podemos evidenciar como alguns destes elementos que constituem a trama de significados na sociedade atual vêm, em função da necessidade de satisfazer estes ideais narcísicos, a interferir na constituição da subjetividade. Olgária Matos (2013), em entrevista à Revista Brasileira de Psicanálise, refere que a aceleração do tempo é um desses elementos na medida em que interfere no exercício da afetividade necessária para a consolidação dos laços, ou, dito de outra forma, interfere na possibilidade do investimento libidinal necessário tanto no objeto quanto no eu. Diz ela que, para se cuidar de uma criança é preciso ter paciência, tempo e contenção, capacidades adquiridas na primeira infância, advindas da possibilidade de viver a frustração, adiar o prazer. Estas são responsabilidades de quem cuida da criança, são formadoras do eu. Na medida em que o tempo se acelera, estas capacidades tendem a ficar embotadas, dificultando assim a observação das necessidades da criança para o

seu desenvolvimento. Podemos pensar que o próprio bebê, quando, diante da necessidade de seus pais, precisar precocemente dar mostra de suas capacidades, ficará impedido de vir a ser em seu próprio tempo, poderíamos dizer, ficará aprisionado na idealização narcísica do ego ideal.

A vida pública ocupa o espaço que anteriormente pertencia ao domínio privado. Assim, se estabelece uma confusão na noção de intimidade, ocorrendo uma tendência à espetacularização das relações, muitas vezes predominantemente ancoradas naquilo que aparentam do que na consistência dos laços que as constituem. Assim como a relação com o outro, fica desinvestida também a relação com o corpo, e suas transformações passam a fazer parte desse espetáculo. Um corpo aparentemente sobreinvestido, mas emocionalmente esvaziado, na medida em que carrega a realidade da passagem do tempo e da incompletude que ferem a onipotência. Idealização ancorada mais uma vez no ego ideal, na busca do olhar do outro enquanto confirmação narcísica da onipotência, mais do que o olhar que discrimina Narciso do outro, daquele olhar que instaura a subjetividade, que fica, desta forma, impedida.

Já nos anos 70, Christopher Lasch (1979) assinala a invasão da sociedade moderna pelas imagens, não só da fotografia como dos filmes ou da televisão. Ainda naquela época não existiam o computador e a internet, que aprofundaram ainda mais o predomínio da imagem, do virtual no cotidiano. As relações passaram a se pautar como se estivessem constantemente sendo registradas e transmitidas a uma audiência invisível. Susan Sontag (1977), na mesma época, observa que a realidade passou a parecer-se cada vez mais com o que as câmaras podem mostrar e sua necessidade – dessas imagens – para confirmar as impressões individuais. Se naquela época isto poderia ocorrer relativo à existência da TV, filmes ou fotografia, hoje estão aí as redes sociais, nas quais, com frequência, de forma indiscriminada, são publicados detalhes da vida pessoal, fotografias que mostram a cada momento o que se está fazendo, ao detalharem passos da vida, em que o sentido do que está ocorrendo se dá mais por sua publicação do que propriamente pela experiência vivida. As imagens passam a ser mais reais do que a própria realidade.

Podemos considerar que as *selfies*, cada vez mais comuns, marcam ainda mais este movimento. Não é o momento que é registrado, e nem a foto do outro, mas o si mesmo. Se eu não faço mais fotografias do outro e também o outro não me fotografa, não me resta senão fazer este investimento sobre mim mesmo. Elementos da cultura atual que apontam para um Narciso que tem que lidar com seus aspectos mais frágeis, pois o investimento no e do objeto fica dificultado.

Estas transformações na sociedade promoveram também transformações

na família, que, obviamente, está inserida nesta cultura, construindo-a e sendo construída por ela. Quando os aspectos narcísicos predominam dentro da família, estes não de colorir as suas relações. Assim, as crianças com frequência são hiperestimuladas a desempenhar papéis, a atingir objetivos que muitas vezes se encontram além de suas necessidades e possibilidades e que, em geral, correspondem a necessidades narcísicas dos pais, revelando uma falha do olhar parental sobre o psiquismo da criança. Forma-se, assim, uma extensão da geração de adultos, mais do que a possibilidade de outra geração com suas características e necessidades. A estimulação indiscriminada dos desejos infantis, não só da criança, mas desses desejos enquanto projeções dos ideais dos pais, vem acompanhada de uma falsa promessa de alcançar a satisfação pessoal. Pode-se dizer que estes vários elementos, dentre outros, que fazem parte dos significados que construímos ao longo do tempo e que desembocaram na cultura atual, criaram um novo indivíduo social que, mais do que ter que lidar com a repressão de seus impulsos, fica alienado de seu psiquismo, o que é experimentado através da experiência de vazio, de solidão tão frequentes na sociedade atual (Lasch, 1979; Matos, 2013).

Ao juntarmos todos esses elementos, questiono: qual é o status do sujeito na cultura atual? Tomada em seus aspectos narcísicos, na busca constante da satisfação dos desejos, poderíamos pensar em um homem que vem conseguindo utilizar a cultura, os avanços tecnológicos, para encontrar a felicidade, na medida em que torna possível a satisfação dos seus desejos sem tantas restrições. Estaríamos já com boa parte do caminho andado para o *Admirável mundo novo* de Huxley. Mas o que é que encontramos em nossa realidade?

Vemo-nos diante de uma sociedade que constantemente se queixa do vazio, da falta de forma. Narciso não se sente bem, pois o olhar de admiração que recebe é preenchido de vazio, e sai então em busca de algo que o satisfaça. O uso indiscriminado de medicações para sentir-se melhor, conectar-se com exigências da vida diária, aponta para um destino diferente daquele que poderia se imaginar diante de tantas possibilidades de obtenção de prazer. Em verdade, o que nos cabe muitas vezes observar nesta interação sujeito/cultura na atualidade é uma difícil constituição da subjetividade. Se as imagens ocupam o lugar do real, o lugar da própria história e da própria memória, se não há mais o espaço privado onde podemos ser únicos, se dentro da família temos por objetivo a busca de ideais que não necessariamente são nossos, tudo isto em detrimento de se poder observar e aprender a lidar com as emoções, que sujeito é esse?

Podemos pensar que os aspectos do narcisismo com os quais temos tido que lidar com alguma frequência apontam mais para os aspectos patológicos do

mesmo do que propriamente para a sua visão estruturante. Narciso, para se constituir, precisa ser investido e investir o objeto, entretanto, na atualidade, ocorrem dificuldades para que este movimento pulsional se dê. Há um paradoxo na proposta narcísica da cultura atual, pois, se não podemos ver o outro, também não poderemos ser olhados por esse, pois cada um está voltado para suas próprias necessidades, olhando para si mesmo (*selfies*), o que mantém uma permanente frustração diante deste movimento pulsional que não se realiza.

François Richard assinala que, neste contexto social da atualidade, em que ocorre uma privação de objetos valorizáveis a serem investidos libidinalmente, ocorre também uma incapacidade de retenção da libido, sendo esta desviada para descarga sem que ocorra uma verdadeira satisfação. Assim, segundo o autor, não só na patologia, mas também na vida quotidiana, com facilidade observa-se “uma banalização dos comportamentos em processos primários” (Richard, 2012, p. 268) não só nos adolescentes, mas também em muitos adultos. Essa descarga, segundo o autor, seria proveniente do fracasso, na adolescência, de se constituir um eu “capaz de conhecer e de controlar os processos primários, procurando a retenção do espaço psíquico interior, onde um desejo pessoal poderá ser sentido psiquicamente e subjetivado” (Richard, 2012, p. 270).

Podemos pensar, neste sentido, que a libidinização do objeto e do eu, necessária, ao processo de subjetivação, de constituição do psiquismo, apresenta falhas na cultura atual, não só nos períodos iniciais da vida, mas ao longo de todo o desenvolvimento, promovendo dificuldades na estruturação do narcisismo necessário a essa vida. Diz François Richard que “tudo ocorre como se as grandes quantidades de libido que o sujeito deve trabalhar para introjetar fugissem em todos os sentidos” (Richard, 2012, p. 269) promovendo o que parece ser uma sexualização em seus aspectos manifestos, mas que em verdade esconde a incapacidade para encontrar a satisfação, constituindo-se, então, verdadeiramente em uma dessexualização. Há uma falha na constituição do psiquismo, da interioridade.

Discussão

É difícil falarmos de cultura na medida em que estamos inseridos nela. Somos formados pela cultura e formadores dela e assim, com facilidade, perdemos o distanciamento necessário que nos permite um olhar crítico, menos apaixonado. O homem e a cultura, que vêm se construindo mutuamente através do processo civilizatório, têm que lidar com o princípio da realidade e o princípio do prazer de forma a se satisfazerem as exigências pulsionais bem como as da vida em grupo,

tarefa que não é fácil, ao longo do tempo sempre sujeita a variadas dificuldades, afinal, sempre estivemos às voltas com a maior ou menor intrincação das pulsões de vida e de morte. Entretanto, sempre podemos pensar e refutar nossas hipóteses, se com o correr dos dias virmos a cultura e o sujeito seguirem caminhos para nós hoje inesperados.

Muito tem se falado da predominância dos aspectos narcísicos, da patologia narcísica na atualidade. Parece que Narciso anda perdido, sofrendo, pois aprisionado neste movimento libidinal que não se dá a contento, com alguma frequência não consegue se consolidar com a força necessária para desenvolver-se de forma criativa, verdadeiramente prazerosa. Na medida em que construímos uma cultura em que as restrições aos desejos estão cada vez mais borradas, o ordenamento cultural é o de um tudo pode, podemos pensar que, na atualidade, tendemos a nos aproximar mais da natureza e assim temos menos recursos culturais para lidar com as pulsões, principalmente no que se refere à intrincação necessária para que não predominem os aspectos destrutivos. Neste caso, considero que de certa forma ficamos à mercê de nossos recursos internos e, portanto, precisamos contar que em nosso psiquismo predominem os aspectos libidinais. Muitos de nós conseguimos isto com sucesso. Em sua maioria, as famílias encontram maneiras de oferecer uma estrutura na qual o psiquismo possa se constituir de modo saudável, mitigando a destrutividade. Entretanto, se pensamos de um ponto de vista mais amplo quanto à relação do sujeito com a cultura, poderíamos perguntar se o predomínio, na atualidade, de um ordenamento cultural que prioriza a satisfação dos desejos em detrimento da consideração da realidade e, portanto, do outro, não estaria enfraquecendo a cultura enquanto estrutura onde podemos desenvolver nossa subjetividade. Pode-se estar enfraquecendo também o sujeito?

Difícil responder. Entretanto, penso que, na medida em que a cultura valoriza mais os aspectos do imaginário em detrimento do simbólico, em que o narcisismo dos pais encontra nessa cultura a possibilidade e o estímulo à sua satisfação, podemos pensar em uma tendência a ocorrer uma maior dificuldade de passar do narcisismo primário, do eu ideal, para se constituírem as identificações estruturantes do ideal do eu, que coloquem o outro em posição sólida no psiquismo. Da mesma forma, é viável considerar que isto leve a um prejuízo no desenvolvimento da capacidade simbólica, o que de alguma maneira limitará as relações do sujeito consigo mesmo e com o outro. Para que Narciso se veja no espelho, ele precisa do olhar do outro. Entretanto, com alguma frequência, Narciso não tem encontrado o outro e, assim, não lhe tem sido possível ver-se a si mesmo. □

Abstract

Narcissus is searching for his image in the mirror: some reflections about narcissism nowadays

The author presents a brief review on Freud's assumptions in his paper *On narcissism: an introduction* (1914), considering the narcissism structuring issues, as well as the consequences of his new proposition on narcissic and objectal libido, and the concepts of ego ideal and ideal of ego which Freud presents then. She reflects about these assumptions from 1914, summed to the further life and death drives, related to narcissistic expressions in the current culture, and its consequences to the construction of subjectivity.

Keywords: narcissism, ideal of ego, subjectivity, current culture.

Resumen

Narciso está buscando su imagen en el espejo: algunas reflexiones sobre el narcisismo en la actualidad

La autora presenta una breve revisión de los postulados de Freud en *Introducción del narcisismo* (1914), considerando el aspecto estructurante del narcisismo, así como las consecuencias de la nueva proposición de libido narcísica y objetal y de los conceptos de yo ideal e ideal del yo que Freud presenta en aquél momento. Sigue con reflexiones acerca de esos aspectos de 1914, sumados a los conceptos posteriores de pulsión de vida y pulsión de muerte, en relación a manifestaciones del narcisismo en la cultura actual y sus consecuencias en la constitución de la subjetividad.

Palabras clave: narcisismo, ideal del yo, subjetividad, cultura actual.

Referências

- Falcão, L. (2012). Interrogantes y reflexiones a partir del texto de François Richard: articulaciones con algunas ideas de A. Green. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina*, 69 (1): 281-291.
- Freud, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 53-124). Rio de Janeiro: Imago, 1988.

- Freud, S. (1914). À guisa de introdução ao Narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1930). O mal estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- Garcia-Roza, L.A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 3, 4. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2010). *Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014.
- Huxley, A. (1931). *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2009.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1982). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Lasch, C. (1979). *A cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- Matos, O. C. F. (2013). Entrevista com Olgária Chain Féres Matos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47 (2): 17-29.
- Richard, F. (2012). Desligadura subjetal y patologías en exterioridad. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina*, 69 (1): 264-273.
- Sontag, S. (1977, June 23). Photography unlimited. *The New York Review of Books*. Recuperado de: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1977/jun/23/photography-unlimited/>.

Recebido em 24/09/2014

Aceito em 01/10/2014

Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Maria Cristina Garcia Vasconcellos
Rua Regente, 245/402, Petrópolis
90470-170 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: garvasc@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA